

## PROJETO “DISCUTIR DESIGUALDADES NA BUSCA POR IGUALDADE: RELAÇÕES DE GÊNERO E O ENSINO DE HISTÓRIA”

Gabriella Assumpção da Silva Santos Lopes  
Juliana Ferreira de Farias  
Vinícius de Oliveira Bezerra

### RESUMO

O presente artigo versa sobre o projeto de ensino “Discutir desigualdades na busca por igualdade: relações de gênero e o ensino de História”, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O projeto foi executado entre turmas do 3º ano do Ensino Médio, em uma escola na cidade de Campo Grande/MS. O enfoque dado pelo projeto, e ponto de partida para discutir as relações de gênero, foi a construção da cidadania, conquista de espaços e direitos pelas mulheres e população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) no Brasil. O projeto vai ao encontro dos Parâmetros Curriculares Nacionais que elegem como um de seus temas transversais “Orientação Sexual”, que possui como um de seus eixos fundamentais, as questões das relações de gênero. No desenvolvimento das aulas utilizamos a metodologia de aula expositiva dialogada, adotando a docência compartilhada entre os acadêmicos. Como instrumento de avaliação final, propusemos aos alunos a produção de um *fanzine*, dado o seu histórico de uso como espaço de expressão e divulgação de ideias por vários movimentos sociais. Por fim, apresentaremos as reflexões e resultados obtidos através da experiência na execução do projeto, que apesar das limitações do ambiente escolar e da resistência dos/as alunos/as com as discussões propostas, cumpriu seu objetivo de trazer para dentro da escola discussões sobre atitudes de defesa da igualdade de direitos e do respeito à diversidade sexual.

**Palavras-chave:** Relações de gênero. Ensino de História. PIBID. História.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado das experiências vivenciadas no projeto de ensino “Discutir desigualdades na busca por igualdade:

relações de gênero e o ensino de História”, no âmbito do PIBID<sup>29</sup> do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Em primeiro lugar, buscaremos apresentar as justificativas e os objetivos do projeto, discutindo a relação entre relações de gênero e o ensino de história. Em um segundo momento, vamos tratar da metodologia utilizada nas aulas, dos referenciais teóricos que direcionaram nossa prática docent e os recursos didáticos utilizados em cada aula, assim como nossas percepções e resultados das discussões com os alunos. Em seguida, discutiremos o método de avaliação proposto e seus resultados. Por fim, de forma geral, apresentaremos as reflexões e resultados obtidos através da experiência na execução do projeto.

### **APRESENTAÇÃO, JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS DO PROJETO**

O projeto “Discutir desigualdades na busca por igualdade: relações de gênero e o ensino de história”, foi executado entre os dias 8 de maio e 12 de junho de 2015, em uma escola na cidade de Campo Grande/MS, contemplando 4 (quatro) turmas do 3º (terceiro) ano do Ensino Médio, em um total de 4 (quatro) horas/aulas por turma.<sup>30</sup>

O projeto foi concebido partindo de três premissas: a) que a história, como disciplina, possui função educativa, formativa, emancipadora e libertadora, tendo como papel fundamental a

---

29 “O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica, que concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola”. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, 2014, p.3).

30 O nome da escola não será citado, respeitando-se o anonimato dos/as alunos/as, em vista da polemicidade do tema e suas implicações.

formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva (FONSECA, 2009); b) que a escola possui função social que ultrapassa a mera reprodução de conteúdos, também possuindo a de formar indivíduos para o exercício crítico da cidadania e para a participação ativa nos vários setores da vida social. Dominar os conhecimentos e habilidades é saber aplicá-los tanto nas tarefas escolares quanto na vida prática, não se restringindo somente à explicar a natureza, a sociedade e o pensamento humano, mas também atuando para transformá-lo (LIBÂNEO, 1990); c) que a escola, como instituição comprometida com o fomento da solidariedade e desenvolvimento da dignidade, também deve estar comprometida com o término das desigualdade de gênero, pois pode ser tanto um espaço de criação e reforço, quanto de desconstrução dessas desigualdades (AUAD, 2006).

Em concordância com as premissas do projeto, também nos apoiamos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). De acordo com os PCNs, para que haja uma efetiva construção da cidadania, necessita-se de uma prática educacional que valorize a compreensão da realidade social, dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental. A partir da necessidade de se discutir problemas ligados à realidade brasileira, aproximando os conhecimentos apresentados pelo professor com as expectativas e necessidades dos/as alunos/as (NETO, 2009), os PCNs apresentam cinco temas transversais para a educação nacional: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual. Neste último tema encontra-se, como um de seus eixos fundamentais, as questões das relações de gênero<sup>31</sup>.

---

31 “Gênero se refere ao conjunto de relações, atributos, papéis, crenças e atitudes que definem o que significa ser mulher ou homem na vida social. Na maioria das sociedades as relações de gênero são desiguais e desequilibradas no que se refere ao poder atribuído a mulheres e homens. As relações de gênero, quando desiguais, tendem a aprofundar outras desigualdades sociais e a discriminação de classe, raça, casta, idade, orientação sexual, etnia, deficiência, língua ou religião, dentre outras. Os desequilíbrios de gênero se refletem nas leis, políticas e práticas sociais, assim

Segundo Daniela Auad (2006), a escola pode ser o lugar no qual se constrói um “aprendizado da separação” e da discriminação entre os gêneros. Entretanto, a escola também pode se tornar uma importante instância de emancipação e mudança, ponto de partida para se combater e diminuir preconceitos e as desigualdades de gênero. A autora ainda propõe que uma educação para a igualdade entre os gêneros precisa ser levada por agentes de mudança, que seriam professores, pesquisadores, secretarias de educação, coordenadores e diretores, com a responsabilidade de analisar práticas e situações escolares, traçar objetivos igualitários, estabelecer metodologias de trabalho e definir tarefas. A autora também destaca a importância da formação, capacitação de professores e demais profissionais da educação a fim de que estes estejam mais preparados para introdução da temática e para a produção de materiais que possam diminuir as desigualdades de gênero.

Quanto ao ensino de História, Carla Pinsky (2010), afirma que uma das principais funções das aulas de História seria a de capacitar os/as alunos/as para compreender a historicidade de concepções, mentalidades, práticas e formas de relações sociais, observando que as ideias sobre “ser homem” e “ser mulher” foram se transformando ao longo da história. Dessa forma, os/as alunos/as passariam a desenvolver uma visão mais crítica das “regras sociais e verdades apresentadas como absolutas” sobre as relações de gênero. Assim, Pinsky (2010) incentiva que nas atividades escolares, nos conteúdos da disciplina de História, o professor destaque as questões de gênero.

O enfoque dado pelo projeto, e ponto de partida para discutir as relações de gênero, foi a construção da cidadania, conquista de espaços e direitos das mulheres e da população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) no Brasil, justamente para que o

---

como nas identidades, atitudes e comportamentos das pessoas. Os atributos e papéis relacionados ao gênero não são determinados pelo sexo biológico. Eles são construídos histórica e socialmente e podem ser transformados”. (HERA, 1998, apud ALVES; CORRÊA, 2009, p.131).

conteúdo a ser trabalhado estivesse articulado com o conteúdo regular da disciplina de História. Sendo assim, dentre os conteúdos que foram trabalhados durante o bimestre, tínhamos a “Cidadania brasileira (construção histórica)” nas primeiras décadas do século XX. Buscamos problematizar as relações de gênero e desenvolver ações educativas que conduzam ao comportamento crítico frente às desigualdades, fomentando a reflexão acerca dos papéis estereotipados atribuídos socialmente a homens e mulheres ao longo da história, e desenvolvendo atitudes de defesa da igualdade de direitos e de respeito à diversidade sexual.

## **METODOLOGIA**

No desenvolvimento das aulas utilizamos o método de aula expositiva dialogada<sup>32</sup> com o auxílio de projetor, adotando a docência compartilhada<sup>33</sup> entre os membros do grupo. Durante as aulas conduzimos as discussões e valorizamos a diálogo entre professores/as e alunos/as, se pautando na ideia que o processo de ensino e aprendizagem é feito coletivamente, ocorrendo interação entre aluno/a e o conhecimento, mediado pela presença do professor/a.(FONSECA, 2009). Segundo Selva Guimarães Fonseca,

de acordo com essa concepção, nem o professor, nem o aluno ocupam uma posição secundária, mas ambos atuam de maneira ativa, aberta e flexível em relação aos diferentes saberes. O que se pretende é se ultrapassar a concepção de ensino como mera transmissão de conteúdos, e desenvolver um ensino que tenha como pressupostos a investigação e a produção de conhecimentos por professores e alunos no espaço escolar (2009, p. 103)

32 Consiste na exposição dos conteúdos promovendo a participação ativa dos alunos, através de discussões e debates, articulando seus conhecimentos prévios com os conteúdos das aulas (GIL, 1997 apud LOPES, 2012).

33 Consiste na ministração das aulas dividindo a regência do conteúdo entre os membros do grupo, enquanto um aluno de outro projeto do PIBID de História a assiste, com o objetivo de refletirmos sobre nossa prática no fim de cada aula e nos encontros semanais de todos os projetos do PIBID. O objetivo é que os acadêmicos compartilhem entre si as reflexões e experiências nas aulas, proporcionando uma reflexão mais profunda sobre a prática docente.

Os/as alunos/as são indivíduos que possuem histórias, valores e culturas diversas, que entram na escola com uma carga variada de conhecimento obtido na internet, na TV, na família, na igreja, etc (FONSECA, 2009). Dessa forma, os conhecimentos prévios dos/as alunos/as e aspectos do seu cotidiano foram ponto de partida para planejarmos as aulas, resultando no uso de recursos didáticos<sup>34</sup> diversos, como músicas, programas de TV, jornais, propagandas e imagens de filmes. A utilização de linguagens e recursos diferenciados teve como intuito tornar o processo de ensino e aprendizagem mais contextualizado e dinâmico, e que tivesse significado para a vida do/a aluno/a, oferecendo-lhe a possibilidade de se colocar criticamente em relação a realidade que o cerca (GUERRA; DINIZ, 2007). Partimos da realidade e do cotidiano dos/as alunos/as, mas não nos restringimos a esses aspectos. De acordo com Leandro Karnal, “partir da realidade desfocada do meu aluno é muito importante, mas ficar nela como objeto e meta é um erro” (2012, p. 100). Os meios de comunicação de massa, a internet, o cinema e outros meios que os/as alunos/as obtêm informações, por vezes são disseminadores de preconceitos, discursos de ódio e informações fragmentadas. Sendo assim, partimos da realidade e do cotidiano, mas não permanecemos neles como fim, mas os utilizamos como ponto de partida, articulando-o com o conhecimento científico ministrado em aula, tendo em vista a desconstrução e crítica em relação a esses discursos.

Um dos desafios da educação contemporânea é lidar com a excessiva carga informativa, o que não significa tentar reproduzi-la em sala de aula na íntegra, com pouco espaço para a reflexão de seus significados. Isso significa ensinar os alunos, por meio da contextualização, a selecionar fatos importantes, organizá-los e analisá-los. (ABUD; SILVA; ALVES, 2013, p.29)

---

34 “Recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino - aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos. Há uma infinidade de recursos que podem ser utilizados nesse processo, desde o quadro de giz até um data show passando por jogos, passeios para pesquisa de campo e assim por diante”. (SILVA, 2007, p.111).

Na primeira aula foi apresentado para os/as alunos/as o projeto e seus objetivos. A aula foi estruturada tendo como eixo o conceito de relações de gênero. Foi trabalhado as diferenciações de identidade de gênero, sexo biológico e orientação sexual, com o objetivo de mostrar que esses não são sinônimos, bem como estatísticas que comprovam as desigualdades, preconceitos e violência de gênero<sup>35</sup>. Com o objetivo de aproximar os conteúdos ministrados com a realidade dos/as alunos/as, foram utilizadas imagens de filmes, situações do cotidiano, bem como assuntos que repercutiram nas redes sociais recentemente. Nesse sentido, foi reproduzido para os/as alunos/as um vídeo do programa “Altas Horas”, onde duas cantoras debatem sobre o comportamento dos gêneros<sup>36</sup>. O vídeo ofereceu um bom recurso para aula, visto que muitos/as alunos/as já haviam assistido o debate e possuíam algumas impressões sobre o mesmo. No vídeo, em entrevista, a cantora Anitta afirma que as mulheres, ao lutarem para possuírem os mesmos direitos que os homens, acabaram chegando em um momento onde quiseram “tomar conta da situação”. Segundo a cantora, existe um “instinto masculino” de proteção à mulher, e que com as mulheres “tomando o lugar do homem em todas as situações”, resultou em um desestímulo ao cavalheirismo do homem, que seria esse “instinto masculino” de proteção e cuidado da mulher. Em um dado momento, a cantora Pitty intervém na discussão e ressalta que as mulheres ainda não possuem os mesmos direitos que os homens, destacando que, se em um programa de TV, ainda se discute a questão de uma mulher poder sair com outros homens, que não o namorado (assunto anteriormente abordado no programa), mostra que ainda se possuem diferenças nas concepções de comportamentos considerados ideias pra a mulher e para o homem. A cantora Anitta também coloca que, na sua vida cotidiana, ela observa comportamentos femininos que dão margem para o homem “achar coisa X ou Y da mulher”, pois elas não se dariam o “respeito”. Pitty interrompe a discussão e ressalta que

---

35 O conteúdo ministrado teve como referencial Auad (2003; 2006)

36 Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/altas-horas/v/anitta-e-pitty-discordam-em-debate-sobre-liberdade-sexual-feminina/3815453//>>. Acesso em: 13 de abr. 2015.

as concepções de “homem de respeito” e “mulher de respeito” não são iguais, ou seja, certos comportamentos que são considerados como inadequados para mulheres, não seriam questionados se fossem feitos por homens.

Após a reprodução do vídeo, as reações dos/as alunos/as foram diversas, ocorrendo divergências de opiniões e discussões intensas. Em sua maioria, os alunos defendiam o discurso da cantora Anitta, de um “instinto masculino” e do “respeito” que a mulher deve se dar, por outro lado, as alunas se colocavam, na maioria dos casos, defendendo a postura da cantora Pitty, que reconhece diferenças nas concepções de comportamentos tidos como ideais para homens e mulheres.

Para mediar a discussão, analisando e debatendo junto com os/as alunos/as o conteúdo do vídeo, retomamos o conceito de relações de gênero. Segundo Daniella Auad (2003), relações de gênero também se referem ao conjunto de expressões do que se pensa sobre o sexo masculino e o feminino, esperando-se uma série de comportamentos de homens e mulheres. “Ou seja, a sociedade constrói longamente, durante os séculos de sua história, significados, símbolos e características para interpretar cada um dos sexos” (2003, p. 57). Assim, dentre tantos outros comportamentos, esperam-se que as mulheres sejam caprichosas, meigas, frágeis, mães, que comecem a namorar mais tarde e limitem o número de parceiros; por outro lado, esperam-se dos homens que sejam corajosos, fortes, provedores da casa, que comecem a namorar mais cedo e com muitas parceiras, e que não tenham nenhuma das características consideradas femininas, e vice-versa.

Precisamos questionar sempre o que temos percebido como diferenças entre homens e mulheres. Essas diferenças não são naturais ou essenciais, mas construídas por um conjunto de elementos, entre os quais estão as “verdades” que as escolas, as igrejas e as famílias ensinam. Mesmo que essas verdades já estejam aí quando nascemos, elas podem ser questionadas e transformadas. (AUAD, 2003, p.58)



Dessa forma, durante a análise e discussão do vídeo, ressaltamos que o discurso de Anitta acaba naturalizando as desigualdades entre homens e mulheres, principalmente ao falar de um “instinto masculino” e do “respeito” que a mulher deve dar a si mesma, não atribuindo esse “respeito” também ao homem. A cantora conclui que é importante se ter direitos iguais, mas não passa essa “igualdade” para relações do cotidiano, para os comportamentos machistas que ocorrem no dia a dia. Já a cantora Pitty vai além na compreensão das desigualdades de gênero, ressaltando as desigualdades existentes no mercado de trabalho e nos comportamentos tidos como adequados para homens e mulheres. Também ressaltamos que, ao trabalharmos com esse vídeo, não procuramos realizar um julgamento sobre quais das cantoras está certa ou errada, assim como impor um modelo de comportamento e pensamento, mas refletirmos sobre como as desigualdades de gênero também se revelam no cotidiano, no comportamento considerado adequado e ideal para homens e mulheres.

Na segunda aula, abordamos a construção da cidadania feminina na passagem para o século XX, tratando da conquista aos direitos de educação e voto, bem como do início dos movimentos feministas, mostrando que essas conquistas foram frutos de um longo processo de reivindicações e lutas<sup>37</sup>.

A fim de reforçarmos o conceito de relações de gênero, utilizamos como recurso didático a primeira edição da revista feminina ‘Jornal das Moças’, de 1914<sup>38</sup>. O ‘Jornal das Moças’ foi produzido no Rio de Janeiro, entre 1914 e 1968, e era distribuído nacionalmente. Seu conteúdo trazia informações sobre moda, culinária, comportamento, dicas de beleza e também anúncios de produtos variados como lingerie, remédios, filmes, etc (SOARES;

37 O conteúdo ministrado teve como referencial Pinsky; Pedro (2012) e Auad (2003)

38 Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>>. Acesso em: 28 de abr. 2015.

SILVA, 2013). O Jornal foi trabalhado com o objetivo de refletir sobre como normas, condutas e comportamentos, julgados como adequados para as mulheres, eram propagados pelo jornal, construindo normas sociais e o ideal de mulher da época.

Promovemos o debate com os/as alunos/as refletindo sobre o ideal de mulher como mãe, dona de casa, obediente ao marido, que era propagado pelo ‘Jornal das Moças’, sofreram transformações, mas também como muitos desses valores ainda permanecem em nossa sociedade. Com o uso do jornal, buscamos mostrar mais claramente como as relações de gênero são construídas socialmente e historicamente, ou seja, que a sociedade, por meio de suas instituições, como a imprensa, transmite a homens e mulheres normas, valores e comportamentos deles esperados que acabam sendo vistos como naturais.

Na terceira aula, foi abordado o período pós 1960 até a atualidade. Nesse contexto, ocorre a ampliação de movimentos sociais em busca da democracia no final da ditadura militar e a conhecida Década da Mulher (1975-1985), quando se passa delinear uma nova fase na busca por igualdade e direitos, passando pelo movimento feminista e pela luta da população LGBT no combate à discriminação e por direitos<sup>39</sup>. Ressaltamos que, apesar de várias conquistas desses movimentos, ainda há muito que se conquistar, principalmente em relação à população LGBT. Nessa aula, a escolha dos recursos didáticos se deu com o objetivo de promovermos uma reflexão e crítica sobre a homofobia e o machismo, fomentando o debate sobre defesa da igualdade de direitos e do respeito à diversidade sexual. Sendo assim, utilizamos como recurso didático um vídeo do canal ESPN, onde a repórter faz uma intervenção ao entrevistado por este

---

39 O conteúdo ministrado teve como referencial Pinsky; Pedro (2012) e Facchini (2012)

usar um termo homofóbico<sup>40</sup>, e a música “Tá rodada”, do cantor Loubet<sup>41</sup>, para analisar e problematizar as persistências de preconceitos e estereótipos de gênero, passando pela questão da violência física e psicológica.

No vídeo do canal ESPN, uma repórter realiza uma entrevista com um torcedor, antes do início do jogo. Durante a entrevista, o torcedor se refere a torcida adversária pelo nome de “bichas”, sendo prontamente interrompido pela repórter, que o repreende por usar um termo homofóbico, dizendo que ele deveria “modernizar um pouco esse pensamento”. Procuramos refletir com os/as alunos/as sobre como a homofobia não passa somente pela violência física, mas também por ofensas verbais que ocorrem no cotidiano, como se referir aos homossexuais por termos pejorativos, como “bichas” e tantos outros, assim buscamos construir junto aos alunos atitudes de respeito e defesa à diversidade sexual. Apesar de um momento anterior de tensão com alguns alunos/as, quando tratamos das conquistas da população LGBT, os/as alunos/as, em sua maioria, mostraram-se receptivos ao debate do vídeo. Embora alguns se mostrassem visivelmente incomodados, não expressaram publicamente discordar da reflexão proposta.

A velocidade da produção midiática impregna nosso cotidiano, levando ao uso e consumo de seus conteúdos, quase que imediatamente, havendo pouco tempo pra reflexão, influenciando nossos modos de agir, pensar e sentir (ABUD; SILVA; ALVES, 2013). A música, sendo veículo de representações, sentimentos, visões de mundo, também pode reforçar preconceitos e estereótipos, que por vezes são ouvidas e cantadas pelas pessoas sem uma reflexão sobre seu conteúdo. A partir dessas considerações, que foi escolhida a

---

40 Disponível em: <[http://espn.uol.com.br/video/495450\\_torcedor-do-palmeiras-usa-termo-homofobico-e-leva-bronca-ao-vivo-de-reporter-da-espn](http://espn.uol.com.br/video/495450_torcedor-do-palmeiras-usa-termo-homofobico-e-leva-bronca-ao-vivo-de-reporter-da-espn)>. Acesso em: 2 de maio 2015.

41 Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ADKk6s\\_Oag4](https://www.youtube.com/watch?v=ADKk6s_Oag4)>. Acesso em: 5 de maio 2015.

música “Tá rodada”, do cantor Loubet, recentemente reproduzida com frequência nas rádios da cidade. Optamos por reproduzir somente o áudio da música e projetarmos sua letra, permitindo, assim, uma maior atenção ao conteúdo da música por parte dos/as alunos/as, pois a maioria conhecia a música e alguns até a cantaram. Ao fim da reprodução da música, alguns alunos admitiram nunca terem prestado atenção ao seu conteúdo. No debate sobre a música houve mais opiniões divergentes e uma discussão mais intensa do que na discussão do vídeo anterior. Alguns alunos repetiram o discurso do “respeito” que a mulher deve se dar, outros alegavam que era somente uma música inofensiva, já as alunas, em sua maioria, mostraram uma maior identificação com a discussão, criticando o conteúdo da letra e as diferenças no julgamento de homens e mulheres que já possuíram vários parceiros em relacionamentos amorosos. A música proporcionou um bom recurso para se pensar as diferentes formas de violência contra mulher, ressaltamos que, na letra, há uma violência psicológica, de depreciação da mulher com adjetivos como: “rodada” e “pisada”. Além disso, a letra da música se direciona a mulher com as seguintes frases: “Quem é que vai querer ficar com você?”, “Outra vez tem que nascer pra conquistar meu coração”, em tom de desprezo e inferiorização.

### **Avaliação da aprendizagem e do ensino**

A quarta, e última aula, foi reservada para a avaliação final do projeto. A avaliação é uma tarefa didática necessária e que deve ocorrer em todo o processo de ensino e aprendizagem, sendo, assim, um processo contínuo e sistemático. Da mesma forma, se constitui em reflexão sobre o nível e qualidade do trabalho tanto do aluno, quanto do professor (LIBÂNEO, 1990). De acordo com Estebán (1995), a avaliação, como um processo de reflexão sobre a prática docente, contribui para que o professor se torne cada vez mais capaz de recolher indícios, de atingir níveis de complexidade na

interpretação de seus significados, e de incorporá-los como eventos relevantes para a dinâmica de ensino e aprendizagem. “Investigando, (o professor) refina seus sentidos e exercita/desenvolve diversos conhecimentos com o objetivo de agir conforme as necessidades de seus alunos, individual e coletivamente considerados. (ESTEBÁN, 1995, p. 24)”.

O processo de avaliação também assume várias formas, umas mais formais, outras menos, não se restringindo somente a aplicação de prova escrita e estabelecimento de uma nota, também ocorrendo em outros momentos do cotidiano da prática escolar (LIBÂNEO, 1990). Sendo assim, a avaliação do projeto não ocorreu somente com a avaliação final proposta, mas também durante todas as aulas do projeto, por meio de perguntas dirigidas para as turmas e do espaço para o debate, objetivando oferecer meios para os/as alunos/as mostrassem o que conseguiram, ou não, aprender. Nesse sentido, Estebán (1995) destaca que o processo de avaliação que se concentra apenas no produto final é falho, pois o processo de ensino e aprendizagem deve ser percebido nas “microavaliações” que os/as professores/as realizam a cada dia, em cada situação com os/as alunos/as. Ao mesmo tempo, essa forma de avaliação também fornece ao professor informações sobre a condução de seu trabalho: se a linguagem utilizada está sendo adequada, se o andamento da matéria e a comunicação com os alunos está sendo satisfatória, etc (LIBÂNEO, 1990).

Além da avaliação diagnóstica no cotidiano da prática escolar, Libâneo (1990) também destaca a importância de se avaliar os resultados de aprendizagem na conclusão de um determinado período de trabalho, pois também cumpre a função de realimentação do processo de ensino. Assim, como instrumento de avaliação final, propusemos a produção por parte dos alunos de um *fanzine*<sup>42</sup>.

---

42 “O *fanzine* é uma publicação alternativa e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente. É editado e produzido por indivíduos, grupos ou

As primeiras publicações de *fanzines* ocorreram na década de 1930, nos Estados Unidos, porém o termo *fanzine* somente foi introduzido em 1941, por Russ Chauvenet, sendo a combinação dos termos *fanatic* e *magazine*, que viria a significar “magazine do fã” (MAGALHÃES, 1993). Segundo Magalhães (1993), no início, esse tipo de publicação estava mais ligada à histórias de ficção científica, todavia, devido à sua repercussão, ocorreu uma ampliação de seu leque de temas, como terror, literatura policial, histórias em quadrinhos, assim como sua utilização como panfleto político. Os *fanzines*, por serem veículos independentes, livres de censura e sem as amarras do mercado editorial (MAGALHÃES, 1993), foram utilizados por diversos movimentos sociais como espaço de expressão e divulgação de ideias, como o anarquista, socialista, *punk*, feminista, dentre outros. Assim, a escolha pela produção do *fanzine* deu-se devido ao seu histórico de utilização dentro dos movimentos sociais, como ferramentas de expressão e divulgação de ideias.

Conforme Libâneo (1990), um aspecto relevante ao realizar a avaliação é a clareza dos critérios, pois os alunos precisam saber para que estão trabalhando e no que estão sendo avaliados, da mesma forma, os critérios de avaliação devem estar em concordância com os objetivos e conteúdos das aulas. Dessa forma, em concordância com os alunos, foram estabelecidos os critérios de avaliação dos *fanzines*, que deveriam abordar alguns dos temas trabalhados nas aulas do projeto, como: homofobia, lesbofobia, transfobia, violência contra a mulher, machismo e feminismo. O *fanzine* foi avaliado de 0 a 5 pontos, a partir dos seguintes critérios: a) conteúdo informativo, crítico e reflexivo, valendo 3 pontos; b) estética, 1 ponto; c) criatividade, 1 ponto.

---

fãs-clubes de determinada arte, personagem, personalidade, hobby ou gênero de expressão artística, para um público dirigido e abordando quase sempre um único tema (MAGALHÃES, p. 9, 1993)”. Magalhães (1993) atenta que não existe consenso sobre o conceito de *fanzine*, sendo muitas vezes confundido com outros gêneros da chamada imprensa alternativa, porém o que caracteriza o *fanzine* é seu conteúdo voltado para a informação, a crítica e a reflexão.

Os principais temas escolhidos pelos/as alunos/as foram: violência contra a mulher, homofobia e machismo. As notas, em sua maioria, foram maiores que 3 (três) pontos, mostrando um entendimento da maioria dos/as alunos/as da proposta do projeto e dos critérios de avaliação.<sup>43</sup>

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto permitiu trazer para dentro de sala de aula temas amplamente discutidos, atualmente, na sociedade brasileira, tratando sobre desigualdades de gênero, preconceito, discriminação e violência por orientação sexual e identidade de gênero. Procuramos trabalhar esses temas a partir de uma perspectiva histórica, com enfoque na construção da cidadania, conquista de espaços e direitos das mulheres e da população LGBT.

Durante a realização do projeto, utilizamos linguagens diferenciadas, como a música, os vídeos e o jornal, que contribuíram para tornar as aulas mais dinâmicas e, ao trabalharmos com aspectos da realidade e cotidiano dos alunos, também possibilitou uma maior identificação desses com os conteúdos, contribuindo para que o ensino escolar tivesse realmente significado na vida dos/as alunos/as.

Na primeira aula percebemos que uma boa parte dos/as alunos/as possuíam concepções naturalizadas sobre o que é ser homem e mulher, no sentido de os papéis sociais serem determinados pelo sexo biológico. Entretanto, as alunas possuíam um olhar muito mais crítico para o conteúdo do que os alunos, alguns desses consideravam que, atualmente, não existem desigualdades entre homens e mulheres. Desconstruir essas ideias foi trabalhoso, pois tivemos que mostrar que as desigualdades também residem nas

---

<sup>43</sup> Nos anexos, segue um dos fanzines produzidos pelos alunos. O nome dos alunos foram ocultados a fim de preservar suas identidades.

mínimas relações sociais, na educação, no trabalho, ou seja, no cotidiano. Observamos também que existia uma ideia de que o feminismo seria o contrário do machismo, colocando a mulher como superior e não em condição de igualdade em relação ao homem.

Na segunda e terceira aula, quando começamos a trabalhar a questão feminina nas primeiras décadas da república, na ditadura militar e pós-ditadura, os/as alunos/as conseguiram compreender melhor que os direitos conquistados pelas mulheres foram fruto reivindicações, de mobilizações e que as concepções sobre o feminino e masculino sofreram transformações ao longo do tempo. Consequentemente, conseguiram observar que as relações entre homens e mulheres são construídas historicamente e socialmente, o que contribuiu para desvencilhar a concepção naturalizada das desigualdades entre homens e mulheres.

Quando explicamos a diferenciação entre sexo, orientação sexual e identidade de gênero, houve poucas intervenções de discordâncias, mas os rostos dos/as alunos/as mostravam certo tipo de desconfiança e incômodo, e isso também se mostrou quando tratamos das conquistas da população LGBT. Quando tratamos deste último tema, houve um momento de tensão com alguns alunos que discordavam da reflexão proposta. Uma minoria entre os/as presentes demonstrou este comportamento, no entanto não podemos afirmar qual a amplitude desta reação, pois existem vozes que permaneceram silenciadas na sala de aula.

De forma geral, a maior parte do fanzines tratou da questão da mulher, principalmente com relação à violência. Dos que abordaram a questão LGBT, muitos trataram da homofobia. A maior parte contribuiu para a promoção da igualdade de gênero, se posicionando contra a violência e o preconceito. Em um caso isolado, um aluno mostrou resistência à temática LGBT e ao projeto, tendo como justificativa um discurso religioso. Os/as alunos/as que



individualmente demonstraram resistência à temática LGBT optaram por abordar a temática da mulher, mostrando maior conforto quanto essa questão. Levamos em consideração que cada aluno possui seu tempo, seus caminhos e recursos no processo de aprendizagem, pois este não ocorre imediatamente e de forma homogênea, logo o resultado do processo educacional é diferente em cada aluno, pois a interpretação que cada um faz da realidade é diferente, ocorrendo no processo interação de aspectos pessoais e únicos com elementos compartilhados com os outros sujeitos do processo de ensino e aprendizagem (FONSECA, 2009).

Mesmo com as limitações do ambiente escolar, com a resistência de alguns alunos/as para as discussões propostas, ocasionando momentos de conflitos e tensões diretas e indiretas, acreditamos que o projeto cumpriu seus objetivos de trazer para dentro do ambiente escolar atitudes de reflexão e defesa da igualdade de direitos e do respeito à diversidade sexual, buscando construir uma prática docente transformadora que procura contribuir para formação de cidadãos críticos e solidários com os problemas sociais que os cercam. Da mesma forma, não consideramos o projeto como um fim em si mesmo, mas um ponto de partida sobre como devem ser trabalhadas as relações de gênero no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

ABUD, K. M.; SILVA, A. C. de M.; ALVES, R. C. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

ALVES, J. E. D.; CORREA, S. Igualdade e desigualdade de gênero no Brasil: um panorama preliminar, 15 anos depois do Cairo. In: **ABEP. Brasil, 15 anos após a Conferência do Cairo**. Campinas: Abep/UNFPA. 2009. Disponível em: < <http://goo.gl/kTFwLC> >. Acesso em: 27 de jun. 2015.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Feminismo: que história é essa?**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: < <http://goo.gl/HDUkDx> >. Acesso em: 17 de abr. 2015.

ESTEBAN, Maria Teresa (org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 1995.

FACCHINI, R.. Conexões, processos políticos e movimentos sociais: uma reflexão teórico-metodológica a partir do movimento LGBT. **Revista Advir (ASDUERJ)**. v. 28, p. 6-20. 2012. Disponível em: < <http://goo.gl/ff5t9U> >. Acesso em: 12 de maio 2015.

FONSECA, S.G. **Didática e prática de ensino de história**. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

GIL, A.C. **Metodologia do ensino superior**. 3. ed. São Paulo: Atlas; 1997.

GUERRA, F. de P.; DINIZ, L. M. V. A incorporação de outras linguagens ao ensino de história. **História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História**. v.13, p.127 -139. 2007. Disponível em: < <http://goo.gl/LTpyKr>>. Acesso em: 9 de jun. 2015.

HERA. **Direitos sexuais e reprodutivos e saúde das mulheres: idéias para ação**. Nova York: HERA, 1998.

KARNAL, L. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2012.

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

LOPES, T.O. **Aula expositiva dialogada e aula simulada: comparação entre estratégias de ensino na graduação em enfermagem**. Dissertação. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012. Disponível em: < <http://goo.gl/82yltC> >. Acesso em: 10 de abr. 2015.

MAGALHÃES, H. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

NETO, J.A. de F. A transversalidade e a renovação no ensino de história. In: \_\_\_\_ KARNAL, L. (Org.). **História na sala de aula: conceitos práticas e propostas**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, C. B. Gênero. In: \_\_\_\_ PINSKY, C. B. (Org.). **Novos temas nas aulas de história**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA, S. E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: **I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM: “INFANCIA E PRATICAS EDUCATIVAS”**. Maringá, PR. 2007. Disponível em: < <http://goo.gl/nAaAzB> >. Acesso em: 09 de jul. 2015.

SOARES, D. dos S.; SILVA, U. R.. O Jornal das Moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por Pelostas nas décadas. **Seminário de História e Arte**. v.3, n.1. 2013. Disponível em: < <http://goo.gl/vt4QK3> >. Acesso em: 17 de jun. 2015.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Normas e orientações: Pibid UECE**. Fortaleza, CE. V. 1. 2014. Disponível em: < <http://goo.gl/SyWBOe> >. Acesso em: 08 de jul. 2015.

Anexos

REVISTA CADERNOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE - Volume I ano 2015

